DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.718

Eros da forma, uso do objeto e as coisas do mundo: um breve passeio por Christopher Bollas e Tim Ingold

The eros of form, use of an object and the things of the world: a brief look at Christopher Bollas and Tim Ingold

Carolina Paixão[*]

Resumo

O ensaio traz apontamentos sobre a noção de eros da forma e o conceito de uso do objeto em Christopher Bollas, no contexto das relações objetais precoces e na relação entre o *self* e a realidade externa. Passaremos pelos conceitos de objeto transformacional e objetos evocativos para pensarmos sobre o tema da forma, em estreita relação com o estatuto do objeto. Nosso objetivo é traçar linhas de articulação entre o uso do objeto e as coisas do mundo, considerando a relevância da externalidade do objeto e da experiência estética sempre presente nos modos de seleção e uso. A forma singular de seleção e uso feita por cada analisando compõe sua antropologia pessoal, termo cunhado por Bollas que nos servirá de inspiração para tecermos, ao final do ensaio, uma articulação com o antropólogo Tim Ingold em sua proposta de trazer as coisas de volta à vida. Assim buscamos incrementar nosso pensamento teórico-clínico e relançar um olhar para as transformações no *self* que as coisas do mundo são capazes de promover.

Palavras-chave: Uso do objeto. Objeto transformacional. Objetos evocativos. Experiência estética. Christopher Bollas. Tim Ingold.

Abstract

The essay offers insights into Christopher Bollas's notions of the eros of form and use of an object, within the context of early object relations and the relationship between the self and the external reality. We will examine the concepts of transformacional object and evocative objects to reflect on the theme of form in close connection with the status of the object. Our aim is to draw connections between the use of an object and the things of the world, considering the significance of the object's externality and the aesthetic experience inherent in modes of selection and use. The unique way each analysand selects and uses objects constitutes their personal anthropology – a term coined by

[*] Psicóloga e psicanalista. Especialista em Clínica Psicanalítica pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ). Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Membro do Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LIPSIC). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. pinheirocarolina@hotmail.com

Bollas that inspires us to conclude by linking these ideas with anthropologist Tim Ingold's proposal to bring things back to life. In doing so, we seek to enrich theoretical-clinical thinking and renew our perspective on the transformations of the self that the things of the world are capable of fostering.
Keywords: *Use of an object. Transformational object. Evocative objects. Aesthetic experience. Christopher Bollas. Tim Ingold.*

No presente ensaio, propomos pensar com Christopher Bollas sobre o eros da forma e a experiência estética em articulação com o uso do objeto e as coisas do mundo. Passaremos pelos conceitos de objeto transformacional e de objetos evocativos a fim de compreendermos o uso do objeto[1] tal como desenvolvido pelo autor, considerando a dinâmica entre o *self* e a realidade externa, em que pese o estatuto do objeto segundo seu idioma e seus atributos de materialidade e processualidade. Para tanto, seguiremos as linhas de pensamento desenvolvidas nos três primeiros livros de Bollas (1987/2015, 1989/2021, 1992/1998), incluindo *O mundo dos objetos evocativos* (BOLLAS, 2009a/2025).

Ao final do ensaio, faremos uma associação entre nossos achados com algumas ideias trazidas pelo antropólogo britânico Tim Ingold no texto *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais* (2012). Importante atentarmos para a tensão epistemológica presente nesta empreitada, uma vez que o objeto de estudo de Bollas se ancora nos conceitos de inconsciente, *self* e relações de objeto e Ingold, por seu turno, descentraliza o *self*/ sujeito de seu pensamento, além de o conceito de objeto ser entendido de formas distintas pela psicanálise e pela antropologia de Ingold. Consideramos que as tensões epistemológicas que atravessam esses momentos de interlocução implicam o compromisso com nossos modos mais conhecidos de fazer ciência, e apostamos que os entrecruzamentos carregam potencial para ampliar nossa capacidade de sonhar a experiência humana em um mundo compartilhado.

Ao propormos tal passeio por entre esses campos do saber, assumimos uma escrita cujo território se aproxima mais de uma epistemologia das encruzilhadas (SIMAS; RUFINO, 2018), em que o cruzamento de diferentes saberes e a coexistência de perspectivas distintas nos ajudam a transitar por uma realidade múltipla e dinâmica, como a vida. Eis uma tentativa de nos servirmos, justamente, de objetos da cultura – aqui representados pelo conhecimento científico, por meio de diferentes disciplinas –, na intenção de expandir nossa capacidade de pensar e sonhar o fazer teórico-clínico em psicanálise. Esperamos que o caminho não seja tortuoso ao leitor, apesar das curvas.

Para início de consideração, pensar sobre o eros da forma em Christopher Bollas implica, de saída, duas considerações fundamentais: a experiência estética e a ênfase conferida à forma, para além do conteúdo. Na visão de Bollas, a experiência estética está vinculada a uma dimensão existencial profundamen-

1. Conceito originalmente formulado por Winnicott (1971/2019), como veremos adiante, e retomado de forma criativa por Christopher Bollas.

te significativa, composta por formas primárias de conexão e diálogo com o outro, e de processamento da experiência por meio das sensações, da atenção, da percepção, dos afetos e dos modos de pensamento consciente e inconsciente. Nesse sentido, experiência estética aqui não tem a ver com refinamento artístico ou com uma concepção do belo, do sublime. Refere-se, antes, a uma experiência que carrega uma qualidade afetiva que toca, comove, incita, e que se presentifica ordinariamente na vida comum. Toda essa temática da estética e da forma está inserida em uma leitura ontológica da psicanálise, em que a problemática do ser e do relacionar-se adquire relevância segundo as bases da constituição subjetiva, no seio das relações objetais precoces.

No contexto clínico, oferecer uma disponibilidade de escuta para os primórdios da vida psíquica implica uma escuta receptiva (BOLLAS, 2009b/2012) não só aos modos de trabalho psíquico conscientes e inconscientes, mas, sobretudo, à *forma* com que o analisando experiencia suas relações interpessoais, suas experiências de vida e sua relação com o próprio *self*. Para além do conteúdo trazido para a análise, a escuta do analista torna-se atenta à *forma* com que o analisando experimenta a situação analisante e de que maneira instala as trocas transferenciais-contratransferenciais do par. Isso se relaciona intimamente com o *uso* que o analisando pode fazer do dispositivo clínico e do analista, entendendo a situação analisante como um meio facilitador para a articulação do verdadeiro *self* e do idioma pessoal.

Nos primórdios da vida psíquica, o cuidador transmite seus cuidados de modo específico, particular, único, e a forma com que vai ajudando a integrar o ser do bebê (em termos somáticos, emocionais, cognitivos, instintuais, etc.) imprime, necessariamente, as características e qualidades desse seu fazer, a que Bollas (1987/2015) nomeou de idioma pessoal. Particular a cada um de nós, o idioma se organiza como uma espécie de "impressão digital" do *self*, como um estilo pessoal que abrange elementos da personalidade, do caráter, do modo singular de ser e relacionar-se.

O idioma do cuidador é transmitido através da *forma* com que oferece seus cuidados. Sendo assim, os cuidados iniciais carregam as marcas específicas do *idioma* do cuidador, ancorado na linguagem do olhar, do gesto, do ritmo, do modo de segurar o bebê, em suma, em toda uma expressividade intersubjetiva que atravessa e compõe a experiência estética vivida pelo bebê nos períodos iniciais da vida, que configura "a primeira estética humana" (BOLLAS, 1987/2015, p. 70). Nessa interação primordial, a primeira estética humana passa pelo idioma das estéticas formais, ao passo que a aquisição da linguagem verbal configura a segunda estética humana, em que a palavra ope-

ra como um novo objeto transformacional ao facilitar a transição do ambiente privado rumo ao compartilhado da linguagem falada comum.

Da linguagem primordial do gesto que atravessa o corpo, o toque, o olhar, em suma, desta interação intersubjetiva que abrange os modos específicos de ser e fazer e toca diferentes dimensões da experiência consciente e inconsciente, restará junto ao *self* aquilo que Bollas (1987/2015) nomeou de *conhecido não pensado*. Na compreensão do autor, o objeto se torna "conhecido" não por meio de uma representação mental, mas por uma via ontológica, experiencial, ao mesmo tempo constitutiva e transformadora do *self*. Nesse sentido, o objeto primário é vivido pelo bebê sobretudo como um objeto transformacional.

Ao formular o conceito de objeto transformacional, Bollas (1987/2015) relembra Winnicott (1963/2022) quando este distingue a mãe-ambiente da mãe-objeto. A contribuição de Bollas vem no sentido de que a mãe-ambiente, nos contextos iniciais de provisão e cuidado, é vivida pelo bebê como um *processo*. Não um processo qualquer, mas um processo que promove transformações cumulativas no mundo interno e externo do bebê, transformando assim sua realidade, modificando a experiência do *self* em constituição: o cuidador é vivido como transformação, já que se dispõe como "um transformador ambiente-somático do sujeito" (BOLLAS, 1987/2015, p. 50). Nesse contexto, o conhecido não pensado repousa como uma espécie de resto, rastro ou marca das relações objetais precoces, em uma dimensão inconsciente da experiência.

Vinculada ao conhecido não pensado, essa dimensão inconsciente seguirá reverberando e sendo evocada, especialmente quando de encontros significativos ou de experiências arrebatadoras em momentos posteriores, que Bollas (1987/2015) chamará de *momentos estéticos*. Sendo assim, o conhecido não pensado opera como uma marca inconsciente que seguirá participando da forma com que demais vivências serão experimentadas ao longo da vida, incidindo também sobre a própria busca por novos e potenciais objetos transformacionais vida afora. Com o autor:

Assim, na vida adulta, a busca não é possuir o objeto; o objeto é procurado para que se renda a ele como um meio que modifica o *self*, onde o sujeito-enquanto-suplicante se sente agora o receptor dos cuidados ambiente-somáticos identificado com as metamorfoses do *self*. Uma vez que esta é uma identificação que começa antes de a mãe ser representada mentalmente como o outro, é uma relação objetal que não emerge do desejo, mas de uma identificação perceptual do objeto com sua função: o objeto como um transformador ambiente-somático do sujeito. A memória desta relação objetal precoce se manifesta

na busca da pessoa por um objeto (uma pessoa, lugar, evento, ideologia) que promete transformar o *self* (BOLLAS, 1987/2015, p. 50).

Um sentido de esperança, confiança e perspectiva participa dessa busca inconsciente por novos objetos/ fenômenos/ acontecimentos transformacionais, e embora isso se projete em um tempo futuro capaz de transformar a realidade presente, o que está em jogo nessa espécie de (re)encontro é o reavivamento de uma lembrança pré-verbal. A busca pelo objeto transformacional na vida adulta baseia-se, antes, na reimpressão de uma memória existencial vinculada ao conhecido não pensado, que busca meios de se processar junto a um objeto que carrega um traço especial, inspirador dessa esperança de processamento. A busca por processamento é o ponto nodal do que está em jogo aqui, e traz aberturas de futuro à medida que o que busca ser processado poderá ganhar para si novos destinos.

O encontro com um objeto transformacional na vida adulta geralmente deflagra uma experiência de intensidade única. É um tipo de encontro que não passa desapercebido, e que configura os momentos estéticos já mencionados (BOLLAS, 1987/2015). Na ocasião do momento estético, o indivíduo sente uma profunda conexão com o objeto, da ordem de uma fusão misteriosa que remete ao que prevalecia nos primórdios da vida psíquica, porque relacionada a uma experiência estética de cunho mais existencial que cognitivo. O objeto disparador dessa experiência pode ser uma arte visual, uma melodia, uma paisagem natural, uma infinidade de coisas que, de todo modo, promova um fenômeno de captura. Com o autor:

> ...Estes momentos estéticos não são os responsáveis pelas lembranças de um acontecimento ou de um relacionamento específico, mas evocam um sentido de fusão psicossomático, que é a lembrança do objeto transformacional do sujeito. Esta antecipação do ser transformado por um objeto – em si mesmo uma memória do processo ontogenético – inspira no sujeito uma atitude reverente em relação a ele, de forma que, mesmo que a transformação do *self* não aconteça na intensidade que alcançou na vida precoce, o sujeito adulto terá a tendência a nomear este objeto como sagrado. (BOLLAS, 1987/2015, p. 52).

Vemos aqui que o "objeto sagrado" opera como um objeto evocativo, disparando uma experiência estética que remonta ao objeto transformacional dos primórdios da vida psíquica. Na ocasião da formulação teórica do objeto transformacional (seu primeiro livro, *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*), Bollas (1987/2015) estava mais empenhado em compreender como o objeto é capaz de agir como um processo, não tendo ainda se

dedicado mais extensamente à conceituação dos objetos evocativos. Todavia, nesse mesmo período a compreensão dos processos inconscientes ganhou um novo termo, *capacidade receptiva*, cuja formulação é a de que, ao "recebermos" objetos (humanos ou não), essa recepção é evocativa.

> Naquele momento, o termo "evocativo" foi aplicado em dois sentidos diferentes: para se referir a objetos externos que evocam estados internos da mente e, ainda, para elementos provenientes do mundo interno, evocados de dentro: "Minha ênfase era menos em coisas reais no mundo dos objetos e mais nas pessoas e como elas afetavam umas às outras, especialmente como o analista afetava o analisando" (BOLLAS, 2009a/2025, p. 140). Foi a partir de seu segundo livro, *Forças do destino: psicanálise e idioma humano* (BOLLAS, 1989/2021), que o interesse pelas coisas do mundo e pela externalidade do objeto passou a se apresentar mais evidentemente, sobretudo o que podemos fazer com elas em termos de seleção e uso.

O conceito de uso do objeto, desenvolvido originalmente por Winnicott (1971/2019), diz respeito a uma importante conquista ao final do desenvolvimento emocional primitivo. Segundo Winnicott (1971/2019), para o objeto ser usado, ele precisa ser considerado com autonomia própria, como parte da realidade compartilhada. Para tanto, é preciso que o objeto subjetivamente concebido seja destruído na fantasia, adquirindo o estatuto de um objeto objetivamente percebido. Essa mudança de estatuto implica, necessariamente, a sobrevivência real do objeto diante das fantasias destrutivas do bebê, isto é, um objeto que, ao ser destruído na fantasia, é capaz de sustentar reparações por parte do sujeito e não sucumbe, garantindo sua integridade para além dos impulsos instintivos e das fantasias dirigidas a ele. Só assim o objeto atestará sua sobrevivência do ponto de vista do bebê, que então poderá se relacionar não mais com níveis maiores de onipotência e projeção, mas podendo, enfim, usar o objeto ao reconhecê-lo com autonomia e integridade na realidade externa, compartilhada.

É importante lembrar que a teoria winnicottiana do uso do objeto foi desenvolvida não só na observação de bebês e crianças pequenas, mas no contexto de atendimento a pacientes adultos entendidos como casos *borderline*: o que não fora vivido na fantasia tornava-se algo atuado na realidade externa. As perturbações provocadas por esses pacientes – em forma de ataques ao analista e ao dispositivo clínico – sugeriam a hipótese da não sobrevivência do objeto primário. Compreende-se que, nesses casos, o sujeito não pôde contar com a sobrevivência do objeto frente aos seus impulsos destrutivos, acarretando

prejuízos à própria constituição egoica, à delimitação das fronteiras eu-outro e à discriminação das realidades interna e externa (PINHEIRO, 2013). Daí as perturbações e os ataques configurarem uma medida desesperada de busca por sobrevivência e consequente reconhecimento do objeto na realidade externa, compartilhada.

Com Bollas, as descrições clínicas do uso do objeto permeiam todo um campo fértil e generativo de seleção e uso, relacionado intimamente à articulação e à elaboração do idioma e do verdadeiro *self*. Como sugere Gurfinkel (2024), Bollas promove uma interessante articulação teórico-clínica ao relacionar o uso do objeto com o verdadeiro *self* e, ainda, com outro elemento da teoria winnicottiana: a função de apresentação de objetos pelo cuidador.

Seguida da integração e da personalização, a apresentação de objetos compõe a função de apresentar, paulatinamente, o mundo para o bebê, nutrindo-o com elementos da cultura, facilitando novas formas de criatividade e processamento psíquico a partir do contato com elementos da realidade externa (WINNICOTT, 1945/2021, 1962/2022). Essa forma de convidar o mundo para dentro configura uma forma não traumática, mas muito nutritiva, de fomentar o gosto pela curiosidade e pela associatividade mental a partir do encontro com as coisas reais do mundo. Na leitura de Bollas:

> ...O idioma da pessoa não é, pois, um roteiro oculto, enterrado nas prateleiras do inconsciente, à espera de revelação através da palavra; é mais um conjunto singular de potencialidades pessoais específicas de um indivíduo, e sujeitas, em suas articulações, à natureza da experiência vivida no mundo real. A vitalidade do verdadeiro *self* é encontrada na experiência do indivíduo enquanto ele vivencia o mundo. O idioma que somos encontra sua expressão através das escolhas e usos de objetos que estão disponíveis no ambiente. Se a mãe conhece seu bebê, se ela percebe suas intenções figurais, seus gestos indicativos de necessidade e desejo, ela fornecerá objetos (incluindo a si própria) que funcionarão como catalisadores experienciais do potencial de personalidade do bebê. Desta forma, ela auxilia no esforço pelo estabelecimento do *self*. (BOLLAS, 1989/2021, p. 35-36).

Nesse sentido que a valorização das coisas do mundo vai ganhando uma atenção maior nos escritos de Bollas (1987/2015, 1989/2021, 1992/1998, 2009a/2025). Continuamente, processamos pensamentos e emoções por meio do encontro com objetos do mundo externo, expandindo assim nossa capacidade de pensar, sonhar, brincar. Ao observarmos as crianças em plena brincadeira, vemos que elas usam os objetos para pensar, pensam de forma

operacional se utilizando das coisas ali presentes. Nesse sentido, cada objeto carrega um uso potencial que favorece as "texturas de experiência do *self*" (BOLLAS, 2009a/2025, p. 140), liberando o *self* para suas próprias formas de vivências idiomáticas.

No vasto terreno do mundo e da cultura, os objetos têm uma capacidade variada de evocar experiências no *self*, a depender dos lugares de captura subjetiva e do uso que deles fazemos. Os objetos de nossa predileção ou que nos arrebatam de forma surpreendente carregam traços mnêmicos e/ou evocativos, que se vinculam a estados/ vivências/ metamorfoses anteriores do *self*, liberando conceitos latentes, permitindo novas elaborações a partir daí. Mas para além do objeto como receptáculo para as projeções do indivíduo, cada objeto comporta seu próprio potencial processional. Suas qualidades distintas nos envolvem de diferentes maneiras, pois sua integridade estrutural, sua especificidade física e sua "marca de sensibilidade" (BOLLAS, 1992/1998, p. 22) nos tocam sensorial e afetivamente de forma congruente com a natureza e a materialidade do objeto.

A integridade dos objetos pode nos estimular ao menos de seis formas ou ordens evocativas distintas: sensível, estrutural, conceitual, simbólica, mnêmica e projetivamente (BOLLAS, 1992/1998). Na visão de Bollas, é importante que o analista esteja atento aos impactos e aos efeitos do objeto sobre o *self*. Isso porque a experiência que temos do objeto cumpre um certo itinerário psíquico, configurando uma forma de pensamento. O ego inconsciente possui a lógica pela qual as formas de pensamento são escolhidas pelo sujeito, compondo o "eros da forma" (BOLLAS, 1992/1998, p. 29) que sugere a forma com que os conteúdos serão contidos e processados. O itinerário psíquico, por seu turno, seguirá seu enredo associativo a partir do conjunto de experiências vividas no encontro com o objeto. Pensando com o autor:

> Os objetos, como as palavras, existem para que possamos nos expressar. Temos diante de nós um infinito número de coisas, as quais podemos usar de nosso modo próprio para encontrar e expressar o *self* que somos. A seleção de um objeto é uma forma de expressão. Se num sábado de manhã eu desejo jogar futebol com meu filho em vez de visitar o Museu de Ciência com ele, é porque o instinto, que acredito que temos para elaborar, escolhe objetos como "filho" e "futebol" em vez de objetos como "filho" e "Museu de Ciência". Tal escolha não somente articula o *self* (bem como sua expressão), como também confronta o *self* com sua própria integridade e força e o leva a elaborações psíquicas posteriores. Por exemplo, jogar futebol com meu filho é me empenhar com uma criança-outro numa atividade física que pro-

> porciona um jogo complexo com ordens evocativas. As sensações de um jogo de futebol são sensações diferentes de uma visita a um museu: um é jogado com agressividade e ativamente; o outro leva à observação e à reflexão. Criança e futebol evocam conceitos (de competição e preparo físico) bem diferentes de Museu de Ciência (aprendizado e tecnologia). As palavras "futebol" e "ciência" liberam cadeias associativas de significantes que se movem em espaços hermenêuticos muito diferentes. Subjetivamente "futebol" me proporciona lembranças específicas e ações que são muito diferentes daquelas partes de mim que alojam objetos como "ciência" e "museu". Estas diversas ordens evocativas trazem à lembrança diferentes "egos" (BOLLAS, 1992/1998, p. 24).

Entendemos assim que o eros da forma atravessa dimensões mentais e corporais de representação inconsciente, compondo um modo psicossomático de processar a experiência e articular estados de *self*. Em uma via de mão dupla, as propriedades do objeto também vão modulando nossa experiência vivida, daí a importância conferida à realidade das coisas do mundo e seus efeitos sobre o *self*. Podemos pensar alguns desses efeitos, por exemplo, se considerarmos que tais encontros têm a capacidade de incrementar nossa curiosidade, ampliar nosso repertório pessoal e estender e complexificar nossa trama associativa. Fazemos isso não só em análise, mas na vida como um todo, quando não estamos indiferentes à realidade do mundo e àquilo que os objetos externos podem nos provocar, ensinar, deslocar, deslanchando assim novas elaborações e movimentos subjetivos.

Na clínica, Bollas sugere que nós, analistas, estejamos atentos à "coleta" de objetos de cada paciente como uma "antropologia pessoal" (BOLLAS, 1989/2021, p. 45) que vai nos dando notícias de seus modos de funcionamento psíquico e sua estética de ser e relacionar-se na vida, e com a vida. A literatura, os filmes, as músicas, em suma, os objetos culturais do interesse de cada analisando facilitam e incrementam todo um campo de trabalho, assim como o sonho. Há uma vertente onírica e transicionalizante na seleção e no uso de objetos, que se desdobra por meio de narrativas que podemos escutar como quem escuta o relato de um sonho, considerando não só o sonho em seu conteúdo mas, em grande medida, a experiência estética que ele engendra.

Vem-me agora à lembrança uma analisanda que trabalha com Cinema e com frequência traz para a análise os sonhos que sonhou durante o sono. Num dado momento, ela começa a chamar os sonhos de "filmes", algo que a princípio aparece como um lapso, mas que acabou por integrar o léxico da análise

como uma forma de brincar com os nomes das coisas e, mais, com as próprias coisas. Em oito anos de trabalho, percebo como seu repertório simbólico se expandiu, a contar com uma sustentação maior dos estados de angústia, das defesas contra a angústia e da complexidade dos afetos e suas ambivalências, e como essa expansão me parece ter sido feita não só por meio de elaborações mais dispendiosas em análise – que incluíram ataques ao dispositivo clínico, que todavia puderam ser sustentados por nós duas –, mas também por meio de uma conversação analítica em grande medida impulsionada por objetos culturais. Dentre eles, destacaram-se diversos filmes (do cinema) que ela relatava em sessão, por lhe provocarem muitas percepções, emoções e alguns arrebatamentos mais intensos, na trilha de importantes transformações subjetivas. Ao longo da análise, a analisanda passou a escrever e dirigir seus próprios filmes, em um movimento de autoria que favoreceu a colocação de seu idioma no mundo, território compartilhado (para além da esfera privada do sonho durante o sono), reforçando a interseção criativa num espaço transicional entre "sonhar filmes" e "filmar sonhos", seus sonhos ainda não sonhados (parafraseando Thomas Ogden, 2005/2010).

Seguindo nossa trama associativa na clínica e na teoria, a seleção e o uso de objetos como uma antropologia pessoal (BOLLAS, 1989/2021) nos ajuda a pensar não só o que as composições estéticas veiculam na vida e no psiquismo de cada analisando, mas também tem por efeito nos levar além dos nossos próprios consultórios, como um convite ao mundo, ou como um convite para que entre mais mundo na sala de análise! É nesse sentido que, nessa trama dos conceitos, fomos capturados pelas ideias concebidas pelo antropólogo Tim Ingold em seu texto *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais* (2012), que acreditamos poder compor certa associação com as ideias de Bollas. Por ora, o encontro entre os dois autores consiste em um singelo e inicial aporte de Ingold para incrementar o pensamento que viemos desenvolvendo mais longamente com o primeiro autor. Para isso, utilizaremos algumas referências que nos capturaram no instigante texto de Ingold, insuflando novos ares no campo do saber psicanalítico, expandindo o olhar para além do nosso próprio e familiar território.

Ingold (2012) traz uma proposta instigante ao revisitar as noções de objeto e de rede (*network*), preferindo as noções de coisa e de malha (*meshwork*). Aponta que os objetos são comumente tomados como entidades estáticas, com contornos fixos e bem definidos, colocados diante do sujeito de forma pronta e disponível à observação. Nesse modo de compreender a realidade, os objetos são separados das relações que os constituem. Em função disso, Ingold prefere

a noção de coisa, em uma abordagem ontológica que compreende as coisas não como objetos inertes ou seres prontos, mas em constante processo de formação. Considera que as coisas estão inseridas em um campo relacional, integradas aos ciclos e às dinâmicas da vida e do ambiente, em uma espécie de acontecer que abarca um aglomerado de histórias, relações, materiais e forças. Suas superfícies são porosas e fluidas, perpassadas por fluxos vitais, movimentos e ações das práticas relacionais que contribuem com suas formas emergentes, comportando processos que continuam acontecendo nelas, e através delas. Logo, as coisas não existem isoladamente, mas participam de uma malha (*meshwork*) que não exatamente conecta uma coisa à outra (o que estaria mais próximo da noção de rede, *network*), mas que opera como um emaranhado de fluxos vitais em inter-relação com o meio e as práticas relacionais.

Mas como podemos entender o mundo em termos de coisas, em vez de objetos? Na história do pensamento ocidental, a forma consiste em uma imposição feita por um agente para um determinado fim sobre uma matéria passiva e inerte, ou objeto. Para Ingold, reduzir as coisas a objetos é retirar das coisas os seus processos vitais, e focar nos processos vitais implica uma abordagem não à materialidade enquanto tal, mas aos fluxos de materiais e à nossa participação nos caminhos criativos e improvisados de seus processos formativos. O autor nos convida a pensar sobre os processos de formação, com seus fluxos e transformações, em vez do produto final em uma forma cristalizada que mortifica a coisa, transformando-a em objeto desprovido de processos vitais.

Ingold vincula a coisa à vida, e também aos seus processos de formação, sendo a vida uma capacidade geradora de relações dentro das quais as formas emergem. A forma, por seu turno, é gerada por movimentos e ações criativas, por práticas de improvisação que se desenrolam não como conexões ou relações entre uma coisa e outra, mas como

> ...linhas *ao longo das quais* as coisas são continuamente formadas. Portanto, quando eu falo de um emaranhado de coisas, é num sentido preciso e literal: não uma rede de conexões, mas uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento (INGOLD, 2012, p. 27, grifos do autor).

Cada pessoa segue um modo de vida particular e tece um fio no mundo. Habitar o mundo não é ocupar um mundo repleto de objetos já trancados em suas formas finais, mas se juntar aos seus processos de formação, participar na coisificação da coisa e na mundificação do mundo. Estar em contato com uma coisa não é observar tal coisa do lado de fora, mas ser convidado para a reu-

nião e contribuir com sua feitura. A coisa torna-se um emaranhado de fios que inclusive deixam rastros, pontas soltas que por sua vez são capturadas por outras presenças, outros fluxos vitais, outras ações e movimentos, sugerindo nós futuros. As coisas são, portanto, um acontecimento, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam. Nesse sentido, as coisas vazam, extravasam em suas formas e fronteiras para além delas mesmas.

Como o próprio título de seu texto sugere, trazer as coisas de volta à vida é compreendê-las na circulação e na expansão das linhas nesse emaranhado de vida que se recusa a ser contida, pois onde quer que haja uma superfície, essa superfície é necessariamente porosa e comporta uma troca contínua de fluxos de materiais. As coisas vazam porque estão vivas, e a essência da vida mora na contínua emergência das formas e superfícies. Seguindo o autor:

> É através de sua imersão nessas circulações, portanto, que as coisas são trazidas à vida. Isso pode ser demonstrado através de um experimento simples que realizei com meus alunos na Universidade de Aberdeen. Utilizando um quadrado de papel, vareta de bambu, fita, durex, cola e corda, é fácil fazer uma pipa. Fizemo-la num ambiente fechado, trabalhando sobre mesas. Para todos os propósitos, parecia que estávamos montando um objeto. Mas quando levamos nossas criações para fora, tudo mudou. Elas de repente passaram à ação, rodopiando, girando, mergulhando de cabeça, e – apenas ocasionalmente – voando. O que aconteceu? Alguma força vital adentrou nas pipas como mágica, fazendo-as agir de modo alheio à nossa vontade? É claro que não. As pipas estavam agora imersas em correntes de vento. A pipa que repousava sem vida sobre a mesa dentro da sala tinha se transformado numa pipa-no-ar. Não era mais um objeto – se é que jamais o foi – mas uma coisa. Assim como a coisa existe na sua coisificação, a pipa-no-ar existe no seu voo. Colocando de outro modo, a partir do momento em que foi levada para fora, a pipa deixou de figurar em nossa percepção como um objeto que pode ser colocado em movimento para tornar-se um movimento que se resolve na forma de uma coisa. Poder-se-ia dizer o mesmo de um pássaro-no-ar, ou de um peixe-na-água. O pássaro é o seu voar; o peixe, o seu nadar. O pássaro pode voar graças às correntes e vórtices que ele introduz no ar, e o peixe pode nadar velozmente devido aos turbilhonamentos que ele causa com o movimento de suas nadadeiras e cauda. Cortados dessas correntes, eles estariam mortos (INGOLD, 2012, p. 32-33).

As coisas são processos, são matéria em fluxo, e é nesse sentido que possuem vida e não são passivamente subservientes aos desígnios humanos. No

contexto em que Bollas formula o uso do objeto como meio de expressão do *self* e de suas expressões idiomáticas, ele nos conta: "Aqui, aproximei-me das qualidades *do objeto como coisa*. Quando escrevi que 'precisamos do objeto para liberar nosso *self* na expressão', eu reconhecia a capacidade intrínseca de um objeto singular de fazer isso" (BOLLAS, 2009a/2025, p. 141, grifos nossos).

Agora atravessados pelo texto do antropólogo britânico ou, melhor dizendo, emaranhados nessa malha que extravasa os campos do saber epistemologicamente bem delimitados, ousamos indagar: será que, ao longo de sua obra, Bollas vem convidando o pensamento psicanalítico a se aproximar de algo parecido com a *coisa* de Ingold? Ora, a psicanálise é uma disciplina que dirige seu olhar, sobremaneira, para modos distintos de expressão do inconsciente, e o método psicanalítico propõe a escuta da associação livre como uma forma de ecoar e remodular os nós dos fios inconscientes, tornando menos dispendiosa a trama dos sintomas. Extravasando a associação livre para além da privacidade do dispositivo clínico, Bollas (2009a/2025) destaca que ela também acontece fora dos consultórios, em nosso passeio pelo mundo, ativando uma malha[2] de trabalhos psíquicos conscientes e inconscientes que vai sendo tecida em nossa vida cotidiana, em conjunção com os objetos externos de diferentes ordens, que influenciam nossos restos diurnos.

Nesse caminhar, os objetos externos que encontramos possuem autonomia, natureza e especificidade, cujas superfícies porosas vão também nos recebendo, provocando e incrementando a associação livre, instigando nossa vida de devaneio e sonho, como fios de vida externa ao longo dos quais nos movimentamos, emaranhando junto a eles nossos fios subjetivos. Bollas é um autor interessante nesse sentido, pois nos ajuda nesta prática de mais convidar o mundo a entrar nos consultórios de psicanálise, em uma escuta do inconsciente em íntima relação com as superfícies porosas das coisas do mundo ao redor.

Assim vamos flanando[3] ao longo de fios emaranhados por entre mundo interno e mundo externo, em uma malha associativa que não se contenta em conectar pontos ou criar sentidos que encerram as questões, mas que tendem a produzir um mais sonhar/ pensar pela gama das afetações mútuas, tecendo o pensamento onírico de vigília e o próprio sonho não somente em seu conteú-

2. Bollas também se utiliza do termo malha (*meshwork*), valorizando a complexidade, a dinâmica e o aspecto "vivo" do inconsciente desde *A Interpretacão dos Sonhos*, de Freud (1900/2019). O termo pode ser encontrado, por exemplo, em diversas passagens do livro de Bollas *O mundo dos objetos evocativos* (2009a/2025).

3. A figura do *flâneur* nesse contexto vem inspirada pelo artigo de Octavio Bonet (2014), que nos instiga a pensar sobre malha e itinerações em articulações possíveis com a associação livre.

do, mas também em sua experiência estética e formal. Nesse sentido, coloca-se em prática uma psicanálise que se propõe não somente a escutar os conteúdos dos sonhos e das narrativas em sessão, mas a valorizar os aspectos processuais, formais e estéticos do processo analítico, incluindo aí as afetações mútuas do par analisando-analista. Retomando Bollas:

> Discutimos como, por meio da associação livre, viajamos por fluxos de pensamento ligados às experiências do nosso cotidiano. O mundo dos objetos – sua "coisidade" – é crucial para o nosso uso. À medida que nos movemos, vivemos em um mundo evocativo que só o é porque os objetos têm uma integridade própria. Essa integridade de um objeto – o caráter de sua *coisidade* – tem um potencial processional evocativo. (...). A associação livre, então, não é simplesmente o movimento de ideias em nossa mente, pulando de um pensamento para outro (seja falado internamente ou relatado para o outro): é também um movimento de ação. Ao nos movimentarmos no mundo real, os conteúdos manifestos das minhas divagações são constituídos pelas coisas reais que encontramos. Qualquer conteúdo latente surgirá do vetor aleatório à medida que esse pensamento nos envolver em encontros inesperados, dos quais surge um tipo de pensamento. Esse pensamento existencial, nascido da necessidade de envolvimento imediato com objetos reais, pode, de fato, ser uma das primeiras formas de pensamento (BOLLAS, 2009a/2025, p. 129-150).

Nesse sentido, podemos pensar a seleção e o uso de objetos como enriquecendo nossa malha associativa em termos de ação e movimento no mundo, no encontro com os objetos evocativos. Propomos que aquilo que Ingold (2012) aponta como "...um movimento que se resolve na forma de uma coisa" (p. 33) pode ser fabulado, aqui, como um movimento ou empreitada do verdadeiro *self* por meio das coisas do mundo. Assim o verdadeiro *self* se articula, acessa e expressa seu idioma na confluência dos processos informativos das afetações mútuas entre realidade interna e externa.

A articulação da experiência por meio das coisas do mundo adquire valor analítico quando reconhecemos e trabalhamos por meio das coisas carregadas de investimento libidinal de cada analisando, integrando assim ao processo analítico os temas de interesse que compõem sua antropologia pessoal. Os objetos culturais que participam dessa composição (livros, filmes, músicas, diversas formas de brincar, bem como outras atividades compartilhadas, etc.) são tantas vezes trazidos, inclusive, pelo próprio analista, de modo a facilitar os processos de simbolização.

Concluindo agora esse breve passeio, que nutre e amplia nossas formas de pensamento, não temos notícias se Bollas e Ingold já trocaram impressões ou se, em alguma medida, já usaram diretamente um ao outro, traçando linhas e emaranhando alguns de seus fios interessantíssimos. Mas cabe a nós, leitores curiosos e entusiastas, usarmos autores que nos inspiram a seguir tecendo malhas de ideias e práticas possíveis (com o desejo de ainda puxar e emaranhar um tanto de fios que deixamos soltos, em função dos limites de um ensaio), colaborando novamente[4] com uma certa contaminação dos meios, mantendo vivo nosso pensamento clínico em constante processo de (trans)forma-ação.

Referências

BOLLAS, C. (1987). *A sombra do objeto:* psicanálise do conhecido não pensado. São Paulo: Escuta, 2015.

_____. (1989). *Forças do destino:* psicanálise e idioma humano. São Paulo: Escuta, 2021.

_____. (1992). *Sendo um personagem*: psicanálise e a experiência do self. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

_____. (2009a). *O mundo dos objetos evocativos*. São Paulo: Nós, 2025.

_____. (2009b). *A questão infinita*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BONET, O. (2014). Itinerações e malhas para pensar os itinerários de cuidado. A propósito de Tim Ingold. *Sociologia&Antropologia.* Rio de Janeiro, v.04.02, pp.327-350, Outubro 2014.

FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos.* Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, 4).

GURFINKEL, D. Winnicott e Bollas: relações, self e uso do objeto. In: CINTRA, E. M. U. *Por que Bollas?* Zagodoni, 2024.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes antropológicos.* Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun., 2012.

4. Colaboramos anteriormente com o livro *O sonhar compartilhado em análise: rêverie e fotografia na escuta clínica* (PAIXÃO, 2025), onde propusemos uma contaminação dos meios entre psicanálise e fotografia; e também no trabalho intitulado *A teoria do pensar de Bion encontra a teoria da bolsa de ficção de Ursula K. Le Guin,* apresentado no evento 1ª Conexão Bion em Expansão/Abril 2026 (comunicação oral).

OGDEN, T. (2005). *Esta arte da psicanálise:* sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PAIXÃO, C. *O sonhar compartilhado em análise: rêverie* e fotografia na escuta clínica. São Paulo: Blucher, 2025.

PINHEIRO, C. P. A. *Os ataques ao enquadre nos casos-limite enquanto tentativas de passagem para o campo do uso do objeto.* Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. *Fogo no mato*: a ciência encantada das macumbas**.** Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

WINNICOTT, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021.

_____. (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador.* São Paulo: Ubu, 2022.

_____. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador.* São Paulo: Ubu, 2022.

_____. (1971). O uso de um objeto e a relação por meio de identificações. *O brincar e a realidade.* São Paulo: Ubu, 2019.

Tramitação

Recebido 17/04/2026

Aprovado 28/08/2026